

ESTILÍSTICA DA
LÍNGUA PORTUGUESA:
ARTE DA EXPRESSÃO VERBAL

Gilda Cascão Kobelus
2022

HONRA E GLÓRIA
A TI,
SENHOR,
por me permitires
chegar até
aquí!

HOMENAGEM

“Os professores ideais são os que se fazem de pontes, que convidam os alunos a atravessarem, e depois, tendo facilitado a travessia, desmoronam-se com prazer, encorajando-os a criarem suas próprias pontes”.

Nikos Kazantzakis¹.

A meus Mestres do curso de “Letras Clássicas” da então Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), nos idos dos anos 1940, responsáveis pela minha formação como **Professora**:

Professor Alceu Amoroso Lima,
Professor Pe Augusto Magne e sua assistente Guida Neda,
Professor Ernesto Faria e sua assistente Amélia Pontes Vieira,
Professor Ferdinando Sousa da Silveira,
Professor Joaquim Mattoso Câmara Jr.,
Professor Thiers Martins Moreira.

Minha Eterna Gratidão.

¹ Escritor, poeta e pensador, considerado o mais importante escritor e filósofo grego do século XX.

APRESENTAÇÃO

Prezados Leitores,

Dividimos o presente estudo em três partes, a saber:

PARTE I – A COMUNICAÇÃO VERBAL

Em concisa narração é subdividida em dois tópicos (A e B), referimo-nos à importância da linguagem oral e escrita, como meio de comunicação, entre os membros de uma sociedade, seja qual for o seu grau de desenvolvimento.

Em seguida, no tópico B, detivemo-nos um pouco mais longamente, no histórico do surgimento da Linguística como ciência.

PARTE II – A ESTILÍSTICA E SEU OBJETO – O ESTILO

Também para maior clareza didática está subdividida em A e B, a forma como o tema que norteia esse estudo.

Procuramos, ao mencionarmos as conceituações das duas proposições, as opiniões de renomados filólogos, teoristas e críticos literários.

PARTE III – CAMPOS DA ESTILÍSTICA

Destinada ao estudo dos diferentes campos em que a Estilística atua e suas denominações: Estilística Fônica, da Palavra, da Frase e da Enunciação.

Em todo o trabalho, esmeramo-nos em buscar farta ilustração literária, por nos parecer indispensável comprovar a aplicação dos fatos que supúnhamos, no uso e apreço dados a eles pelos nossos mais famosos e reconhecidos poetas e escritores.

Esperamos ter atingido nosso objetivo que, em última análise se propõe a fazer dos leitores de nossos escritores apreciadores das técnicas por eles empregadas na execução de suas obras literárias, de sorte a que melhor possam interpretar os propósitos que os moveram a escolher tal ou qual expressão, ou o impulso que os levou a criar novo vocábulo.

SUMÁRIO

PARTE I	16
A COMUNICAÇÃO VERBAL	16
A) LINGUAGEM HUMANA	16
B) A CIÊNCIA DA LINGUAGEM: Breve Histórico	22
OS COMPARATISTAS	23
NEOGRAMÁTICOS	27
ESTRUTURALISMO	28
CÍRCULO LINGÜÍSTICO DE COPENHAGUE	30
ESTRUTURALISMO AMERICANO	31
FORMALISMO RUSSO	33
PÓS-ESTRUTURALISMO: O	
ESTRUTURALISMO FRANCÊS	39
NEW CRITICISM	40
PARTE II	42
A ESTILÍSTICA E SEU OBJETO – O ESTILO	42
A) ESTILÍSTICA	42
– Origem e Conceituações	42
– As Duas Vertentes	47
A1) NOVAS CORRENTES ESTILÍSTICAS	48
SOCIOESTILÍSTICA	48
ESTILÍSTICA ESTRUTURAL OU DO TEXTO	50
ESTILÍSTICA FUNCIONAL	51
ESTILÍSTICA GERATIVA	55
ESTILÍSTICA PRAGMÁTICA	55
B) DO ESTILO	57

– Da Escolha	60
– Do Desvio das normas	64
PARTE III	69
CAMPOS DA ESTILÍSTICA	69
I - ESTILÍSTICA FÔNICA OU DO SOM	69
<u>FONEMAS E PRODOSEMAS</u>	69
A) FONEMAS	70
A.1) Expressividade das Consoantes:	74
FIGURAS DE ESTILO (breve comentário)	76
– ALITERAÇÃO	77
– ASSONÂNCIA	77
– PARONOMÁSIA	78
– HOMEOTELEUTO	79
– ECO	79
– ONOMATOPEIA/ HARMONIA IMITATIVA	79
– HARMONIA IMITATIVA	82
A.2) Alterações Fonéticas na Prosa e na Poesia:	
Metaplasmos Contemporâneos	83
A.3) Alterações Presentes nos Falares Regionais	84
A.4) Alterações Fonéticas na Poesia	90
B) PROSODEMAS OU TRAÇOS SUPRASSEGMENTAIS	94
B.1) Prosódia	94
– Acento	95
– Ritmo	96
– Entonação	97

B.2) Marcas ou Sinais de Pontuação	98
– Ortografia	99
II – ESTILÍSTICA DO LÉXICO / MORFOLÓGICA	101
A) ESTILÍSTICA DO LÉXICO	101
A.1) Palavras Gramaticais	102
A.2) Palavras Lexicais	104
A.3) Semântica	105
A.4) Tonalidade Emotiva das Palavras	107
1 – Palavras de significado afetivo	107
2 – Palavras que exprimem julgamento	108
3 – Palavras que exprimem sentimento avaliativo através de afixos:	109
4 – Palavras evocativas	110
– Estrangeirismos	110
– Indigenismo	112
– Arcaísmos	112
– Neologismo	114
A.5) Relações Semânticas	118
– Sinônimos	118
– Antônimos	121
– Polissemia	121
A.6) Gíria	121
FIGURAS DE ESTILO:	123
– Símile / Comparação	126
– Metáfora	128
– Metáfora Sinestésica	133

– Alegoria	134
– Catacrese	134
– Metonímia	135
– Sinédoque	136
– Sinestesia	136
B) ESTILÍSTICA MORFOLÓGICA	137
B.1) Do Uso Expressivo do Substantivo, do Adjetivo, do Verbo e do Artigo	139
– Do Substantivo	139
– Do adjetivo	141
– Do verbo	142
– Do artigo	142
B.2) Da Formação das Palavras	143
1 – Derivação:	145
– Derivação Sufixal	145
– Derivação Prefixal	150
– Derivação Parassintética	151
– Derivação Por Prefixo e Sufixo	152
– Derivação Regressiva	152
– Derivação Imprópria	153
2 – Composição	154
– Aglutinação	154
B.3) Amalgama	155
B.4) A Desmontagem das Palavras	156
– Desagregação prefixo-base	157
– Desagregação entre base e sufixo ou terminação	158

III - ESTILÍSTICA DA FRASE OU SINTÁTICA	160
A) DA EXPRESSIVIDADE DA FRASE E SUA ESTRUTURAÇÃO	161
– Conceituação, Modalidades e Tipos	161
A1.) FRASE COMPLETA SIMPLES	162
A.2) FRASE COMPLETA COMPLEXA	163
– Coordenação	163
FIGURAS DE ESTILO:	164
– Assíndeto	164
– Polissíndeto	164
– Subordinação	164
– Frase Incompleta ou Elíptica	165
FIGURAS DE ESTILO:	166
– Elipse	166
– Anáfora	167
– Pleonasmo	169
– Anacoluto	171
A3) ORDEM DOS TERMOS NAS ORAÇÕES	172
A3.1 - Ordem Direta e Indireta	172
Figuras de estilo	172
– Anástrofe	172
– Hipérbato	173
– Síquise	173
A.4) ORDEM DOS TERMOS NA SINTAXE	174
– Ordem dos termos no Sintagma Nominal	174
– A Ordem Dos Termos No Sintagma Verbal	176

– Da Posição do Advérbio	176
A.5) DA CONCORDÂNCIA	177
– Silepse	178
A.6) O EFEITO MELODIOSO DA FRASE	179
IV – ESTILÍSTICA DA ENUNCIÇÃO	181
ENUNCIÇÃO E ENUNCIADO	181
A) ATOS DA FALA	182
B) DO DISCURSO	182
– Discurso Direto	183
– Discurso indireto	184
– Monólogo interior	184
– Solilóquio	187
FIGURAS DE ESTILO	188
– Ironia	188
– Paradoxo	188
– Eufemismo	189
– Gradação	189
– Hipérbole	190
– Antítese	191
– Prosopopeia	191
– Apóstrofe	192

ESTILÍSTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARTE I

A COMUNICAÇÃO VERBAL

A) LINGUAGEM HUMANA

A linguagem humana é objeto de um estudo verdadeiramente proteico; dir-se-ia um desses blocos de cristal irregular e multiplamente facetado cujos efeitos prismáticos dependem do ângulo de observação escolhido.

(Mattoso Câmara Júnior, “Contribuição à Estilística Portuguesa”).

O interesse pelo estudo da origem da linguagem humana é milenar, remontando, aproximadamente a cinco milhões de anos, antes da nossa era, sendo que, para muitos, é bem mais antiga, como, por exemplo, afirma Maggie Tallerman, linguista da Universidade de Newcastle, no Reino Unido.

Esse interesse vem se arrastando, em pesquisas e estudos, através dos tempos, sem que haja um consenso sobre o assunto, apesar do empenho de estudiosos de outras Ciências, como Filosofia, Biologia, Antropologia, Etnologia, Psicologia e, particularmente, Linguística.

O MITO:

Fato indiscutível, é que a presença de lendas, cânticos e rituais constituem um vasto acervo mitológico, cujos estudos apontam para uma origem divina da Linguagem.

Parece-nos oportuno lembrar a opinião de Campbell²: “não seria demais dizer que o Mito é a abertura através da qual as energias inesgotáveis do Cosmos despejam-se em manifestações culturais humanas”.

E também a visão de Cassirer³:

² Uma das maiores sumidades em mitologia, autor de “O herói de mil faces”.

³ Filósofo e linguista. “A Linguagem e o mito”, “Teoria das formas simbólicas”.

ARTE DA EXPRESSÃO VERBAL

“Tomando-se a linguagem como “conteúdo total do espírito”, automaticamente se entende que ela está entre o mito e o logos o que também configura uma “intermediação entre a visão teórica e estética do mundo”.

E mais:

"O vínculo intelectual entre a linguagem e o mito... a autêntica fonte da metáfora é procurada nas construções da linguagem, ora, na fantasia mítica; ora, é a palavra que, por seu caráter originariamente metafórico, deve gerar a metáfora mítica e prover-lhe constantemente novos alimentos, ora, ao contrário, considera-se o caráter metafórico das palavras tão-somente um produto indireto, um patrimônio que a linguagem recebeu do mito e que ela tem como um feudo dele" (Cassirer, *“Linguagem e mito”*, p. 102).

Esses informes pretendem comprovar o quanto foi considerada importante a presença do **mito** para a reconstituição da origem da linguagem, e o porquê do empenho dos pesquisadores.

A moderna “teoria sociológica” pode-se atribuir principalmente a Fraser⁴ (*“The Golden Bough”*, 1911-15) e a Malinowski⁵. Este último vê no Mito a justificação retrospectiva dos elementos fundamentais que constituem a cultura de um grupo. O Mito não é uma simples narrativa, nem uma forma de ciência, nem um ramo de arte ou de história, nem uma narração explicativa. Cumpre uma função *sui generis*, intimamente ligada à natureza da tradição, à continuidade da cultura, a relação entre maturidade e juventude e à atitude humana em relação ao passado. A função do Mito é, em resumo, reforçar a tradição e dar-lhe maior valor e prestígio, vinculando-a à mais elevada, melhor e mais sobrenatural realidade dos acontecimentos iniciais” (Abbagnano⁶, 2000, p. 675).

⁴ George Fraser foi um influente antropólogo nos primeiros estágios dos estudos modernos de mitologia e religião comparada.

⁵ Antropologista.

⁶ Filósofo italiano, autor do *“Dicionário de filosofia”*.

Abbagnano Apud. Dep. de Linguística - Fac. de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de S. Paulo. Linguística Histórica (FLJ.0443), segundo semestre de 2012, aula do Prof. Thomas Finbow apoiada na obra *“Historical Linguistics: Introduction”* de W.P. Lehmann.

ESTILÍSTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Lehmann⁷, em sua “*Historical Linguistics*”, cita alguns resultados dos estudos realizados em busca de respostas aos questionamentos propostos. Entre elas estão presentes passagens do Velho e no Novo Testamento:

“Pensadores hebraicos forneceram respostas a tais questões ao afirmarem que Deus denominou os maiores objetos da criação: o como comprova a tradição hebraica”.

“**Disse** Deus: “Haja luz”, (Velho Testamento, Gênesis 1:3).

“Depois **disse** Deus: “Haja entre as águas um firmamento que separe águas de águas” (Velho Testamento, Gênesis 1:6).

O emprego do verbo “*dizer*”, por si só já implica na admissão do que se pretende comprovar (Presente do Indicativo do verbo latino “*dicere*”: enunciar, falar).

Em João (1:2-3) no Novo Testamento, está escrito: “No princípio era o **VERBO** e o **VERBO** estava junto de Deus e o **VERBO era DEUS**”.

O termo “Verbo”, no texto citado, é sinônimo de “*palavra*”.

Ainda é no Velho Testamento, que assim se explica o surgimento dos idiomas, oriundos de uma única língua primitiva tal como se lê na Bíblia, no episódio da “Torre de Babel” (Gênesis 11:1 e 9):

“E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala (...) Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra, e dali espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra”.

Esses estudos levaram, como declara Lehmann, até século XVI, a que se admitisse ser o hebraico a língua originária de todas as demais. Foram, ainda, por razões religiosas, que os hindus entregaram-se à tarefa linguística de preservar os escritos sagrados do “VEDA” contra falsificações.

Deve-se ao sábio Panini (520-460 a.C.) uma das primeiras sistematizações linguísticas de que se tem notícia: a “*Gramática Histórica*” (*Aṣṭādhyāyī*). Panini faz nestes estudos descrição minuciosa da língua falada entre os de seu povo, mas que só viria a ser reconhecida

ARTE DA EXPRESSÃO VERBAL

nos fins do século XVIII, quando se popularizou, entre os linguistas e filólogos, o estudo do **sânscrito**⁸.

Seu propósito, contudo, tinha finalidade diversa daquela que os pesquisadores ocidentais buscavam, cujos estudos eram de cunho científico. Para ele, a linguagem do texto era sagrada “*Veda*”⁹ e, assim:

“(...) deveria apresentar-se estabilizada em sua pronúncia, correta nas preces e com emprego adequado das palavras, mormente por ser o sânscrito védico, considerado uma língua sagrada, tanto quanto os próprios textos, onde, qualquer falha no seu uso, representaria grave ofensa a Brahma” (Lehmann).

Gladstone Chaves de Melo aponta a Filosofia difundida na **Antiguidade Greco-Romana** como uma possível explicação para a origem da linguagem:

Coube à Filosofia indagar da origem mais remota, do ponto-de-partida, da gênese do fenômeno, tão universal e hoje tão embarçosamente variado. E não têm faltado filósofos e filosofantes que propuseram solução ou soluções para o problema.”

Heráclito de Éfeso¹⁰, foi um filósofo pré-socrático e realizou estudos filosóficos, buscando a compreensão do que denominou “*arché*”, visto que acreditava que todas as coisas derivariam de uma única substância: o *fogo*. Estabeleceu ainda alguns conceitos que se mostraram importantes e decisivos para o estudo da linguagem: a noção de *physis* e *logos*, tão gratas a Aristóteles, como veremos adiante.

A *physis* traduzida como “natureza” e seria governada pelo “*logos*”. “*Logos*” seria a forma **racional** de se expressar, conforme as situações se apresentassem.

Esses conceitos foram acatados por todos os pré-socráticos que, a partir de então, abandonaram as explicações mitológicas, por perceberem que havia a ação de uma **razão** universal que governa a natureza.

⁸ Sânscrito significa “aperfeiçoado” ou “refinado”. É uma das línguas mais antigas (se não a mais antiga) criadas na humanidade.

⁹ “*Veda*” Palavra de origem sânscrita, cujo significado é “Ciência”, Conhecimento”. Tão importante para os hindus, quanto a Bíblia para os cristãos e a Torá, para os judeus.

¹⁰ Colônia jônica na Ásia Menor.

ESTILÍSTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

A linguista Marilena Chauí¹¹ define o termo “*logos*”:

“Logos é a palavra racional do conhecimento do real. É discurso (ou seja, argumento e prova), pensamento (ou seja, raciocínio e demonstração) e realidade (ou seja, os nexos e ligações universais e necessários entre os seres) e o da palavra leiga, científica, técnica, puramente racional e conceitual”.

Os “*Diálogos*” de Platão comprovam essa assertiva.

Um deles, “*Crátilo*”, reproduz a conversa entre Crátilo e Hermógenes, conduzida por Sócrates, sobre duas ideias antagônicas que questionavam acerca da adequação dos nomes dados às coisas: seria a linguagem uma criação natural que viesse com o próprio homem, ou fruto de uma convenção? Ou seja, qualquer nome funciona desde que haja um acordo sobre seu uso, como pretende Hermógenes, ou de acordo com Crátilo: Cada coisa tem um nome correto que revela sua essência?

O diálogo a que nos referimos investiga essas duas correntes, denominando-as de *naturalismo* e *convencionalismo*, respectivamente.

Esse problema da justeza do nome à coisa vem, desde então, suscitando críticas entre seus comentadores especializados (Gold Schmidt¹², 1982; Richler, 2001¹³, Sedley, 2003¹⁴).

Aristóteles, discípulo de Platão, explicava a origem da Linguagem, tendo em vista a experiência e a percepção do mundo, adquiridas pelo homem e que os teriam capacitado “*a elaborar conceitos*”, pois, ao conhecer o pensamento racional, o homem descobrirá como construir seu discurso.

Aristóteles afirmava que, como só o homem possuía o “*logos*”, a capacidade do uso *racional* da palavra e isso o distinguia dos outros animais. O “*logos*”, portanto, trazia em si uma forte carga política:

“O homem é um animal político – “*zoon politikon*” afirmava, (Cf.: “*Política*”¹⁵) e como um ser social e cívico, “só ele pode agir na

¹¹ Escritora, filósofa, professora emérita de Filosofia Política e Estética pela USP.

¹² Gold Schmidt, Victor, “A religião de Platão”.

¹³ Mordecai Richler, Barney, “Linguística.

¹⁴ Sedley, David, “Plato’s Cratylus”.

¹⁵ Aristóteles se ocupa de analisar os assuntos humanos que se desenrolam no espaço da cidade (pólis).